

**IX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del
Deporte (ALESDE)
Deportes, prácticas democráticas y sociedad: nuevas encrucijadas y desafíos en las
tramas regionales**

El “camino” latinoamericano: el olimpismo y la ceremonia inaugural de Santiago 2023

O “jeito” Latino Americano: Olimpismo e a cerimônia de abertura de Santiago 2023

Eje 6: El Deporte y su relación con otros temas no incluidos en los ejes anteriores

Autores/as:

Silva dos Santos, Doiara:

Universidade Federal de Viçosa, Brasil, santosdoiara@ufv.br

Silva Caetano, Clarisse:

Universidade Federal de Viçosa Brasil, clarissescaetano@gmail.com

Resumo

A cerimônia de abertura que inaugura o calendário dos Jogos Pan-americanos (JPA) inclui narrativas que abrangem a filosofia do Olimpismo, questões geopolíticas e socioculturais, expressas através de discursos, apresentações artísticas e outros rituais cerimoniais, além de elementos protocolares. Por meio dessas cerimônias, os países celebram e reforçam seus valores e identidades, ao mesmo tempo em que evidenciam tensões sociais relacionadas ao país/cidade sede e aos países participantes. Com base nesses aspectos, analisou-se discursos e representações sobre identidade, valores e questões geopolíticas emergentes na cerimônia de abertura dos Jogos de Santiago 2023. A pesquisa é qualitativa, utilizando dados coletados através de etnografia. Santiago sediou os JPA pela primeira vez em 2023, e sua cerimônia de abertura enfatizou sua formação histórica em meio a conflitos. O elemento central do ritual cerimonial destacou a geografia e o território do Chile, que reivindica uma mudança de sua representação como "fim do mundo" para "começo do mundo". Isto esteve presente na escolha do cenário e nas representações artísticas, simbolizando disputas, fragmentação e unificação. A cerimônia se estabeleceu como uma celebração cultural transcendental e ritualística, visibilizando questões de identidades e elementos interseccionais da constituição do país/cidade sede, em diálogo com as Américas e, especificamente, com a América Latina. Os discursos destacaram a ascensão de Santiago a um novo status no mundo esportivo a partir dos JPA de 2023.

Palavras chave: Identidades - jogos pan americanos – narrativa - cerimônia de abertura.

Introdução

As cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos (JO) têm sido objeto de análise na literatura acadêmica internacional há muito tempo, sob perspectivas históricas, culturais, políticas e de identidade (Moragas, MacAloon, Llinés, 1996). Sua midiatização e simbolismos têm sido explorados na literatura esportiva, para cada edição dos JO (Guimarães-Mataruna, 2021; Baker, C., 2015). As cerimônias de abertura são formas de comunicação cultural e justapõem dimensões de ritual, espetáculo e festival. Elas oferecem uma lente única através da qual podemos investigar as complexidades dos fenômenos esportivos para além das competições (MacAloon, 1984).

No entanto, cerimônias de abertura dos Jogos Pan-Americanos (JPA) têm recebido pouca atenção da literatura acadêmica como objeto de análise. Historicamente, este evento foi concebido quando os JO programados para Tóquio em 1940 não poderiam ser realizados devido à Segunda Guerra Mundial. Naquela época, Avery Brundage, um proeminente líder esportivo dos Estados Unidos e futuro presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), moveu uma agenda para estabelecer esses Jogos continentais. Ele os projetou para espelharem-se nos Jogos Olímpicos. Em comunicação com líderes argentinos, ele disse: "A chama olímpica está temporariamente extinta e o mundo olha para o hemisfério ocidental para manter vivas as melhores tradições do esporte amador" (Guttmann, 1984, p.88).

O COI, inicialmente, preocupou-se em salvaguardar seus símbolos e terminologias, pois não havia regulamentação formal para reconhecer Jogos continentais.

Além da análise de Torres (2019) sobre a cerimônia de abertura inaugural de 1951, observamos que os JPA de 2007 no Rio de Janeiro receberam atenção acadêmica, mais do que qualquer outra cerimônia do evento. Considerando a significância histórica deste evento de tradição continental, celebrado ininterruptamente desde 1951, torna-se imperativo mobilizar investigações acadêmicas sobre os seus significados culturais, em contextos diversos.

Assim, este estudo se concentra na cerimônia de abertura de Santiago 2023, no Chile. O objetivo é analisar discursos e representações de identidade, valores e questões geopolíticas que emergiram durante a cerimônia de abertura dos Jogos de Santiago 2023.

Métodos

A pesquisa é qualitativa e utilizou a etnografia para a produção dos dados. A etnografia geralmente envolve o pesquisador participando e coletando dados em cenários "naturais", ou seja, naqueles que não foram especificamente configurados para fins de

pesquisa. Ela tem um caráter exploratório, pois muitas vezes não fica claro onde, dentro daquele cenário, a observação começa. Na etnografia, a reflexividade é importante, pois os pesquisadores são moldados por subjetividades com base no contexto sócio-histórico, seus valores e interesses (Atkinson, Amanda, Sara, 1999).

Notas de campo foram usadas como instrumentos. Duas pesquisadoras escreveram observações, descreveram interações e o contexto percebido diretamente do estádio. Os etnógrafos precisam estar cientes de seus próprios referenciais de sentido e subjetividade, então tivemos que trabalhar em nossa posicionalidade e escolhas interpretativas (Atkinson, Amanda, Sara, 1999).

Identidade latino-americana e a importância do Pan-Americano

Os processos de identidade dinâmicos, multifacetados e diversos dos latino-americanos se cruzam com contradições decorrentes de desigualdades econômicas e sociais, sugestivas de experiências semelhantes entre seus países e territórios, tais como processos de colonialismo e lutas por independência (Brasil, Cabecinhas, 2017).

Para esse estudo, foram considerados parte da “América Latina”, os 39 países e territórios com Comitês Olímpicos Nacionais filiados à Organização Pan-Americana de Desportos, que parte da fronteira sul dos EUA até a América do Sul, incluindo o Caribe. Para nos alinharmos com a “perspectiva latino-americana” que estamos propondo para nossa estrutura interpretativa, excluímos o Canadá e os EUA do foco de nossas observações.

Estamos assumindo como hipótese que os JPA oferecem um palco peculiar para examinar as culturas esportivas latino-americanas, pois, os países e territórios daquela região criaram uma conexão diferente com os JPA. Historicamente, os EUA e o Canadá frequentemente enviam equipes alternativas para os JPA, pois esses jogos não se tornaram o seu foco principal.

De fato, no início da década de 1950, Avery Brundage, presidente do Comitê Olímpico dos EUA e primeiro presidente da Organização Pan-Americana de Desportos (hoje conhecida como Pan Am), tinha preocupações de que o domínio dos EUA nos esportes representava uma ameaça ao espírito de competição amigável do JPA. Além disso, com o tempo, a programação do evento continental entrou em conflito com os preparativos para outras grandes competições internacionais. Como resultado, muitas federações esportivas dos EUA e do Canadá escolheram enviar equipes "B" para participar dos JPA.

Em contraste, a maioria dos países e territórios latino-americanos reconhecem os JPA como uma oportunidade valiosa para os seus melhores atletas, que frequentemente são os

mesmos atletas que participam da equipe olímpica. Argumentamos que esse reconhecimento é reforçado por, pelo menos, três pontos.

Primeiro, o vínculo histórico entre os JPA e a expansão do Movimento Olímpico pela própria América Latina. Em segundo lugar, a ocorrência regular desses eventos em cidades-sede vizinhas cria uma conexão especial com os eventos, destacada por um senso de compartilhamento de identidade tanto pelo público quanto pelos atletas.

De fato, o Pan-Americano foi sediado em cidades latino-americanas 14 vezes (de 19 edições). Assim, países e territórios puderam ver as suas histórias sendo contadas em várias cerimônias, enquanto nos JO tivemos apenas duas ocasiões de celebração de cerimônias para contar histórias do denominado sul global: México 1968 e Rio 2016. Porto Rico como território colonial dos EUA, por exemplo, sediou os JPA em 1979 e aquele foi "o cenário perfeito para atuar como nações separadas e alimentar o senso de povo distinto"(Sotomayor, 2017).

O terceiro argumento é que, embora chegar ao pódio olímpico seja um feito raro para atletas da região que descrevemos, eles têm mais chances de triunfo no pódio Pan-americano. Os JPA servem como uma plataforma por meio da qual jovens atletas aspiram acessar as suas respectivas equipes olímpicas. Para muitos atletas, conquistar uma medalha Pan-americana representa o auge do sucesso.

Narrativas etnográficas da cerimônia de abertura de Santiago 2023

Ao nos aproximarmos das entradas do Estádio Nacional, a cena se tornou cada vez mais militarizada, com policiais montados e seguranças armados a pé patrulhando a área, em meio a famílias com crianças e uma fila quilométrica.

Ao reconhecermos a natureza subjetiva de nossas perspectivas, enquanto esperávamos na fila para entrar no estádio, observamos uma visão familiar de uma atmosfera de festival esportivo: pessoas acenando bandeiras nacionais, principalmente chilenos suas vozes ecoavam com cantos: "Chi-Chi-Chi Le-Le-Le, ¡Viva Chile!". Reunindo literatura para nosso trabalho interpretativo, entendemos que esse canto rítmico era originalmente uma música da década de 1930. Ganhou popularidade entre os fãs de futebol na década de 1970 e foi apropriado para manifestações políticas durante a ditadura de Augusto Pinochet no Chile, na luta contra o neoliberalismo. Atualmente, continua sendo um hino popular vinculado às seleções esportivas chilenas

O Estádio Nacional estava lotado, mais de 35.000 espectadores compareceram à cerimônia, predominantemente chilenos. Em relação à dimensão do espetáculo, uma

contagem regressiva visual em telas dentro do estádio precedeu uma apresentação da baterista Juanita Parra. Isso foi seguido pelo hino nacional chileno, culminando com a entrada da bandeira chilena.

O espetáculo foi chamado de “A terra e seu povo” e retratou a formação histórica do Chile em dez atos, com dançarinos representando povos aborígenes e a diversidade geográfica e cultural do país. Os artistas simularam lutas entre nativos e colonizadores espanhóis, movendo peças do cenário para formar o território chileno como uma conquista, território que se tornou um palco de danças e performances acrobáticas. Muitos espectadores filmaram a apresentação em silêncio, e alguns se emocionaram.

O mascote de Santiago 2023, Fiu, é um pássaro de sete cores, o nome deriva-se do seu canto. Como apresentações culturais, a cerimônia de abertura, em sua dimensão ritual, incorpora histórias que um povo conta sobre si mesmo (MacAloon, 1984). Amparo Noguera, atriz chilena, deu o tom de como o Chile se apresentou na cerimônia, ao recitar o poema "Alturas de Macchu Picchu" de Pablo Neruda, bem como “Canto General” e “Mereciendo” da poetisa chilena Gabriela Mistral. Ela disse com um tom emocionado e olhos lacrimejando:

Somos um, somos um todo, composto de muitas identidades que se estabeleceram neste território há milhares de anos. E os novos habitantes, desde sua chegada, se integraram a este lugar – a terra mais ao sul, uma terra única chamada Chile. Hoje, este país do vasto continente americano abraça o planeta. Somos reconhecidos por nossa geografia única, nossa natureza e nosso caráter sísmico. É verdade que caímos muitas vezes, mas a cada queda, aprendemos a nos levantar mais fortes e resilientes do que antes.

O discurso refere-se a todos os personagens, inclusive colonos, como “novos habitantes”. Enquanto a atriz continuava, discernimos discursos de identidade que convidam os estrangeiros a considerarem uma nova perspectiva:

Muitas vezes nos disseram que estamos no fim do mundo — uma frase gravada em nossa história. Mas hoje, convido você a mudar sua perspectiva, a ver de um ponto de vista diferente. O Chile, a terra mais ao sul, é agora e é o futuro. O Chile é onde o mundo começa.

É uma reivindicação por reconhecimento e mudança na forma como o país é visto. Resiliência e diversidade são elementos fortes escolhidos para retratar a nação e seus cidadãos.

Após o discurso, desfilaram os atletas de todas as delegações e participantes independentes. Os atletas chilenos receberam uma grande salva de palmas ao entrar no estádio, liderada pelo porta-bandeira, Esteban Grimalt, jogador de vôlei de praia, atual campeão dos JPA de Lima 2019.

Enquanto o time do Chile desfilava, notamos que um de seus atletas agitava uma bandeira LGBT. Posteriormente, procuramos informações na mídia sobre aquele episódio, e

foi difícil descobrir quem era aquele atleta e se ele foi, de alguma forma, punido pelo ato de fazer uma manifestação durante um momento ritual. Dias depois, encontramos duas notícias em inglês mencionando o episódio, ambas publicadas na *internet*, com o nome do atleta e foto do acontecimento. Daniel Arcos, jogador de basquete publicamente LGBT, postou a cena em que ele levanta a bandeira do orgulho durante JPA em sua conta do *Instagram*.

O Ministro do Esporte (que também era o presidente do Comitê organizador), Jaime Pizarro, fez um discurso no alto-falante, em espanhol. Ao se aproximar do microfone, pudemos ouvir o canto “Viva Chile!” novamente. Ele disse:

A chama Pan-americana agora brilha aqui na parte mais ao sul do mundo... Caímos e sempre nos levantamos; esse é o espírito do Chile, e é o espírito que todo atleta visitante deve levar em seu coração. Seja a inspiração para a nova geração das Américas. Aos jovens, crianças do Chile e das Américas, abracem a cultura do esporte. Não há melhor escola para disciplina, trabalho em equipe e resiliência; essa é a essência do esporte... O Chile estende sua casa como um ponto de encontro para as Américas ... Há apenas 30 dias, no México, vivenciamos os valores e símbolos do Olimpismo. A chama pan-americana viajou do norte para o sul e agora está aqui, muito perto... Quero me dirigir aos atletas chilenos, que vi crescer — o sonho está se tornando realidade.”

Pizarro enfatizou o simbolismo da chama Pan-americana, mencionando o México como seu ponto de origem, discernindo essa chama historicamente controversa da aura atraente da Grécia. Torres (2019) abordou como o COI proibiu a associação da chama Pan-Americana à chama Olímpica na década de 1950.

O ministro do esporte conectou aquela cerimônia da chama que ocorreu na Pirâmide do Sol a uma forma de vivenciar os valores e símbolos do Olimpismo na mesma frase. Compreendemos que esse rito, neste discurso, é apresentado como uma forma particular latino-americana de se apropriar do Olimpismo.

Após todos os discursos, os Jogos de Santiago 2023 foram declarados abertos pelo presidente do Chile, Gabriel Boric, sendo ovacionado pelo público. Não notamos resistência à figura do presidente. Isso nos lembrou, brasileiros, das dificuldades que as autoridades políticas tiveram nos JPA do Rio 2007, em que o público vaiou o presidente, Luís Inácio Lula da Silva. No Rio 2016, o presidente Michel Temer também foi vaiado no Brasil, esses dois episódios indicam a apropriação da cultura esportiva como forma de protesto, o que foi considerado por parte da cobertura da mídia brasileira como falta de educação (Mascarenhas, 2012).

Enquanto conversávamos com locais, após a cerimônia, perguntamos sobre o presidente e, fora da arena esportiva, ouvimos de um taxista críticas ao presidente, que não agradava em sua agenda política. Em seguida, o estádio Nacional recebeu as bandeiras

Olímpica e Pan-americana, e o hino esportivo Pan-americano foi executado, seguido pelo hino olímpico, notando-se no telão a imagem de Thomas Bach, presidente do COI.

Antes do acendimento da pira Pan-americana, houve uma apresentação de *Los Jaivas*, que cantaram sua música "Todos Juntos", alusiva à unificação. A nadadora olímpica e campeã pan-americana, Kristel Köbrich, entrou no Estádio carregando a chama Pan-americana, passando sob uma faixa que dizia em espanhol: "Um povo sem memória é um povo sem futuro". Ao examinar a história do estádio, constata-se que o mesmo serviu como centro de detenção após o golpe militar de 1973. Cinquenta anos depois, Kristel seguiu o mesmo caminho pelo acesso número oito daquele estádio, a mesma passarela onde centenas de prisioneiros entraram e, enfrentaram tortura, execução ou desaparecimento no regime ditatorial.

Medalhistas Pan-americanos chilenos transmitiram a chama até que ela foi acesa por Fernando Gonzales e Nicolas Massú, ambos medalhistas olímpicos de tênis de 2004, ao lado de Lucy López, a primeira mulher chilena a se tornar medalhista Pan-americana.

Em meio à atmosfera espetacular, depois que a chama foi acesa, um show de drones iluminou o céu, formando imagens como o logotipo da Pan Am. Em seguida, as bandas chilenas *Los Bankers* e *Los Tres*, junto com Sebastian Yatra da Colômbia, se apresentaram. O grand finale veio com uma exibição de fogos de artifício, concluindo uma cerimônia de duas horas e cinquenta minutos.

Conclusões

Os eventos esportivos funcionam como microcosmos, refletindo valores culturais, dinâmicas de poder e identidade em vários níveis. Os JPA Santiago 2023 exibiram um senso de identidade latino-americana por meio de expressões culturais e apropriação de símbolos e protocolos olímpicos para tornar visíveis as questões da heterogeneidade dos povos chilenos, atravessadas por elementos interseccionais, em uma dialética com as Américas e com a América Latina em particular.

A cerimônia de Santiago 2023 ilustra o JPA como forma de reinterpretar as tradições olímpicas celebrando suas histórias e identidades geralmente subalternizadas no Movimento Olímpico. O elemento central do ritual cerimonial enfatizou as complexidades geográficas e territoriais do Chile, reivindicando uma mudança de sua representação como "fim do mundo" para "começo do mundo". Sediado o JPA de 2023 sugeriu uma mudança potencial na imagem e na narrativa do Chile, forjando a nova identidade do país para o mundo.

Referências

Atkinson, P., Coffey, A., & Delamont, S. (1999). Ethnography: Post, past, and present. *Journal of Contemporary Ethnography*, 28(5), 460-471.

Baker, C. (2015). Beyond the island story?: The opening ceremony of the London 2012 Olympic Games as public history. *Rethinking History*, 19(3), 409-428.

Brasil, J. A., & Cabecinhas, R. (2017). Representações sociais da história latino-americana e das relações (pós)coloniais no Brasil, Chile e México. *Journal of Social and Political Psychology*, 5(2), 537-557.

Brundage, A. (1940, October 29). Letter to Juan Carlos Palacios. Avery Brundage Collection, Box 202, Reel 116.

Guimarães-Mataruna, A. F., et al. (2021). A ceremony for television: The Tokyo 2020 media ritual. In Jackson et al. (Eds.), *Olympic and Paralympic Analysis 2020: Mega events, media, and the politics of sport*.

Guttmann, A. (1984). *The games must go on: Avery Brundage and the Olympic Movement* (p. 88). New York: Columbia University Press.

MacAloon, J. (1984). Olympic Games and the theory of spectacle. In J. MacAloon (Ed.), *Rite, drama, festival, spectacle: rehearsals toward a theory of cultural performance*. Philadelphia: Institute for the Study of Human Issues.

Moragas, M., Macaloon, J., & Llinés, M. (1996). *Olympic ceremonies: Historical continuity and cultural exchange*. Lausanne: The Olympic Museum.

Santiago 2023. (n.d.). *Sponsors*. Retrieved June 23, 2024, from <https://www.santiago2023.org/en/sponsorsantiago2023.html>

Sotomayor, A. (2017). Colonial Olympism: Puerto Rico and Jamaica's Olympic movement in Pan-American sport, 1930 to the 1950s. In C. R. Torres & B. Kidd (Eds.), *Historicizing the Pan-American Games* (p. 136). Abingdon, Oxon: Routledge.

Torres, C. (2019). Olympic or sacred? The controversy over the flame at the inaugural 1951 Pan-American Games and its aftermath. *The International Journal of the History of Sport*, 36(4-5), 340-358.